

O Desafio da Segurança Internacional no Oriente Médio

The Challenge of International Security in the Middle East

Noeli Rodrigues¹

RESUMO

O objetivo do boletim é verificar se houve mudança na agenda de segurança para o Oriente Médio após o "11 de setembro de 2001". Apesar de ser denominada como a região mais instável do globo, percebe-se uma mudança de posicionamento no que tange à segurança no Oriente Médio no pós-atentado. O pressuposto é que, após o atentado ao World Trade Center (WTC), a agenda de segurança tornou-se evidente e estabeleceu uma relação direta com os constantes conflitos que dominam a região.

Palavras-chave: Segurança Internacional; Oriente Médio; Instabilidade.

ABSTRACT

The aim of the study is to check if there was any change in the security agenda for the Middle East after "September 11, 2001". Despite being named as the most unstable region of the world, we can see a post-attack shift regarding security in the Middle East. The assumption is the security agenda became evident and established a direct relationship with the constant conflicts that dominate the region, after the attack on the World Trade Center.

Keywords: International Security; Middle East; Instability.

Introdução

Discute-se no presente boletim o desafio da segurança internacional no contexto de instabilidade recorrente no Oriente Médio. O objetivo é verificar se houve mudança após o atentado ocorrido em 11 de setembro de 2001 e a razão pela qual a questão se tornou, de fato, uma agenda relevante no contexto internacional. A análise proposta concentrar-se nas principais mudanças na pauta de segurança internacional que envolve o Oriente Médio após esse acontecimento. Os conflitos permearam a região por várias décadas, mas após 2001 alguns países do Ocidente, especialmente os Estados Unidos, declaram o início de uma "guerra ao

¹ Mestranda em Ciência Política, Universidade Federal do Paraná (PPGCP/UFPR) e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (NEPRI/UFPR), Curitiba-PR, Brasil.

terror”. De maneira geral, esse posicionamento pressupõe o estabelecimento de uma agenda específica para tratar da segurança internacional na região. Nesse contexto, pontuaremos no decorrer do texto as mudanças observadas desde então.

Para atingir o objetivo proposto, analisaremos a dinâmica de segurança no Oriente Médio com o objetivo de verificar como essa questão tem pautado as discussões em torno dos conflitos e, conseqüentemente, estabelecido uma agenda de segurança para a região. O assunto é relevante, pois a segurança internacional tornou-se uma importante subárea das Relações Internacionais e tem se revelado, à medida que [res]surtem litígios, um desafio constante no contexto internacional. Audi (2010), afirma que “essa região é uma das mais conflituosas da agenda internacional, com litígios complicados e confusos que há décadas abalam o mundo”, não por acaso, quando a problemática envolve o multifacetado “Oriente Médio”, a situação se torna ainda mais complexa devido à multiplicidade de fatores que abrangem a região.

Este boletim está dividido em duas seções, além da introdução e das considerações finais. Na primeira sessão, será apresentado o contexto geral relacionado à segurança internacional no Oriente Médio; na segunda seção, serão discutidas as mudanças no que tange à segurança no pós-11 de setembro, com uma breve análise da questão pré e após o atentado no *World Trade Center*.

1. A Segurança Internacional no Oriente Médio

A complexidade do Oriente Médio pode ser atribuída a alguns fatores que, embora não sejam determinantes, tornam-se relevantes, pois contribuem com a instabilidade da região. Questões políticas, econômicas e de segurança são as mais importantes. A incidência de democracia na região ainda é pequena, apesar do potencial energético (a região é a segunda maior fornecedora de energia do mundo). Beck (2010, p. 309), afirma que a participação do Oriente Médio no processo de globalização é limitado, os investimentos estrangeiros não passam de 5% a nível mundial, a acessibilidade de comunicação (internet) na maioria dos países é menor do que em outras regiões do mundo e, por fim, as situações de violência de diferentes tipos e níveis apontam a região como o principal núcleo de terrorismo internacional.

Também é possível constatar na região do Oriente Médio o litígio entre árabes e israelenses, um conflito ainda em curso que desafia por décadas a temática de segurança internacional. Segundo Mousavizadeh e Annan (2013, p.305), “o conflito árabe-israelense não é apenas um problema entre muitos sem solução. Nenhuma outra questão leva uma carga simbólica e emocional tão poderosa a ponto de afetar pessoas distantes da zona de conflito”. Nesse aspecto, tornar-se evidente que os litígios que ocorrem nessa região são carregados de elementos socialmente arraigados, como a cultura e a religião, por exemplo. A complexidade da questão e as características ímpares dessa região vão além dos fatores econômicos e/ou geográficos e, certamente, os conflitos existentes naquele território impactam na dinâmica de segurança em outras regiões do globo.

O conflito árabe-israelense insere-se justamente nesse contexto, no qual há uma série de questões que estagnaram e, assim, perpetuam a hostilidade entre aqueles povos. O povo palestino é cercado por uma história milenar que perpassa os aspectos relacionados à dominação e à submissão por meio do Mandato Britânico, ao plano de partilha do território proposto pela ONU (1947) e pelas guerras que surgiram como consequência da Resolução 181 das Nações Unidas – a qual originou o plano de partilha. Outros acontecimentos também permearam várias décadas desse conflito que permanece sem uma solução.

Eventos como a Crise no Canal de Suez (1956), a criação da Organização Para a Libertação da Palestina (OLP) - organização que passou a representar o povo palestino e a negociar com Israel (1964), pela criação da Autoridade Nacional Palestina (ANP), a Guerra dos Seis Dias (1967) e a Guerra do *Yom Kippur* (1973), demonstram o cenário de instabilidade e o ambiente conflituoso ao qual tanto árabes quanto judeus foram submetidos no decorrer de quase setenta anos. Em 1988, a Palestina foi admitida como membro observador da Organização das Nações Unidas e, cinco anos mais tarde, em 1993, iniciavam aquelas que compreenderiam a principal tentativa de solução da questão, as negociações dos Acordos de Oslo I e II.

No contexto da segurança internacional, o conflito no Oriente Médio revela outra perspectiva para além do conflito em si. A situação de insegurança e instabilidade agrava-se quando amparada em questões como o nacionalismo, a etnia e a religião – elementos basilares desses povos, que se mostraram, no

decorrer do conflito, capazes de determinar um conjunto de ações e reações que dificultam as tentativas de solução, como as negociações ocorridas em Oslo. Nye (2002, p. 204), afirma que o Oriente Médio é o exemplo de conflito regional que melhor ilustra a realidade das relações internacionais, ou seja, um litígio cercado por um lado pela perspectiva realista e, por outro lado, com interferência de organizações e do próprio direito internacional. O conflito árabe-israelense, de acordo com o autor “gerou seis guerras entre dois grupos de povos reivindicando diferentes identidades nacionais – ambos os lados parecem ter argumentos válidos”. Ainda que os dois lados apresentem argumentos válidos, a situação no Oriente Médio permanece volátil, geralmente reforçada por fundamentalistas² através do nacionalismo, da religião, da etnia (NYE, 2002, p.209-212).

Heywood (2010, p. 70), avalia que a relação entre o fundamentalismo potencializado, por assim dizer, na religião – o Islã - ficou evidente na década de 1970 com a Revolução Islâmica (Irã). Entretanto, na década seguinte, o fundamentalismo surgiu associado ao cristianismo (Estados Unidos) e ao hinduísmo e siquismo (Índia). Nesse sentido, Calvocoressi (2011, p.421) explica que

o islã, mais profundamente do que qualquer religião, tinha influência sobre os corações e mentes dos que a ele aderiam, e estes eram atraídos a partidos políticos dispostos a usar violência e justificá-la, não importando se a causa fosse religiosa, social ou um composto das duas (CALVOCORESSI, 2011, p.421)

Assim, o autor explica que não é algo específico de uma determinada região, mas pode se manifestar de acordo com fatores sociais doutrinários e ideológicos. Desse modo, não é possível generalizar as causas do fundamentalismo no Século XX, mas o conflito entre o Islã e o Ocidente é uma das causas que explica o aparecimento do terrorismo em termos civilizacionais, ou seja, o aparecimento de conflitos entre intuitos fundamentalistas antagônicos no cerne das civilizações envolvidas (HEYWOOD, 2010, p. 70-71).

² *Fundamentalismo*: Trata-se de uma linha de pensamento na qual certos princípios são adotados como “verdades” absolutas, cuja autoridade é inquestionável e prioritária, independentemente do seu conteúdo. Está relacionado à inflexibilidade, ao dogmatismo e ao autoritarismo e tem como base, geralmente, princípios religiosos (HEYWOOD, 2010).

Acreditava-se que, após a década de 1980, com as mudanças decorrentes da queda do Muro de Berlim e o fim da Guerra Fria, as guerras religiosas que assolaram o Século XX enfraqueceriam. Contudo, Hobsbawm (2007, p.128) salienta que os conflitos pautados na religião tornaram-se, a partir de então, os responsáveis por um cenário de barbárie. Ainda na década de 1980, surgiram grupos ativistas como Hamas, Al Fatah, Jihad Islâmica da Palestina e Hezbollah, entre outros que obtinham apoio da população e permanente recrutamento. Segundo o autor, é nesse período que surge o homem-bomba, originário da Revolução Iraniana de 1979 e praticado na Palestina pelo Hamas, em 1993. Calvocoressi afirma que

o fundamentalismo muçulmano foi usado não apenas para descrever esses vários grupos, às vezes, perigosos, mas também para sugerir que o Islã era essencialmente violento e que os partidos que reivindicavam uma especial lealdade a ele eram parte de uma força única, unificada e ameaçadora; uma expressão abrangente, cunhada no Ocidente, que enfatizava os aspectos mais problemáticos de uma revolução cultural de longa duração (2011, p. 421).

Nesse contexto, Hobsbawm (2007, p.131) revela que “as consequências desses atos não foram revolucionários, ainda que eles, por vezes, tenham produzido efeitos políticos específicos”. Por outro lado, Wilkinson (2010, p. 136) salienta que a força militar desempenha tarefas relevantes com estratégias multifacetadas, mas o contingente militar apenas através do uso da força não é capaz de combater as ações desencadeadas por esses grupos. O autor explica que uma ação violenta como resposta aos ataques fortalece a reação de grupos extremistas, como foi o caso do bombardeio feito por Israel, em 2008, no cerco a Gaza. A ação “serviu para reforçar o apoio ao Hamas e criou novas gerações de terroristas ansiosos para vingar a morte de centenas de vítimas palestinas do bombardeio e invasão a Gaza” (WILKINSON, 2010, p. 136).

Na argumentação de Hobsbawm (2007, p.131), a chamada “guerra contra o terror” deflagrada pelos EUA a partir de 2001, as intervenções armadas, o desrespeito às regras e convenções que pautavam, até então, os conflitos internacionais agravaram a situação e as ameaças terroristas tornaram-se eminentes. Contudo, no que tange ao conflito no Oriente Médio, Heller (2010, p. 339) argumenta que a comunidade internacional empregou recursos de capital e

político com o objetivo de conter o conflito entre árabes e judeus, e que o litígio faz parte da agenda internacional nos âmbitos político e de segurança na busca de uma possível solução (HELLER, 2010, p. 339).

2. A Preocupação com a Segurança no Oriente Médio pós-11 de Setembro

O atentado ocorrido em 11 de setembro de 2001 no *World Trade Center* foi um acontecimento emblemático que modificou a dinâmica das relações internacionais em relação à segurança, tanto que Seitenfus (2004, p. 233) afirma que “as relações internacionais sofreram um extraordinário abalo e uma inelutável recomposição de forças e valores com os atentados, tratou-se de uma profunda ruptura”. O autor afirma que os ataques ocorridos em Nova York e Washington determinaram transformações na agenda internacional. A preocupação relacionada à questão de segurança tornou-se mais abrangente, pois o combate ao terrorismo ultrapassou fronteiras, desafiando as estratégias contemporâneas dessa subárea das relações internacionais (SEITENFUS, 2004, p. 246).

O terrorismo tornou-se, no início do século XXI, um evento ainda mais relevante no que tange à segurança internacional, pois envolve atores atuais específicos com tendências e desenvolvimento significativo. Evidentemente que o terrorismo não é um fenômeno recente (inclusive no Oriente Médio). Segundo WILKINSON (2010, p.129) atos terroristas eram praticados contra mongóis entre o Século XI até a metade do Século XIII. Outro aspecto importante é que esses atos não devem ser atrelados exclusivamente a causas religiosas e/ou políticas. Para sanar as dúvidas a esse respeito foi desenvolvida uma tipologia dos principais tipos de terrorismo³ (WILKINSON, 2010).

Desde 2001, o desafio no contexto da segurança internacional tem sido o terrorismo praticado por grupos não estatais, como os grupos etno-nacionalistas⁴, os grupos ideológicos⁵, os grupos político-religiosos⁶, entre outros. Desses grupos, os denominados político-religiosos ganharam notoriedade no início desse século, principalmente após o atentado ao *WTC*, nos Estados Unidos. Antes do ocorrido,

³A tipologia sobre os tipos de terrorismo existente não é o objeto desse boletim, por esse motivo não avançaremos em tal discussão.

⁴ Ex. o ETA e os Tigres Tamil.

⁵ Ex. grupo maoísta peruano Sendero Luminoso.

⁶ Ex. a Al-Qaeda e o Hamas no Oriente Médio. WILKINSON (2010, p.130)

de acordo com Wilkinson (2010, p.132), as preocupações resumiam-se, por assim dizer, em três pontos: primeiro, o conceito de terrorismo; segundo, o terrorismo em sociedades democráticas; e terceiro, o terrorismo e a comunidade internacional. Essas questões apontavam para um “terrorismo político”, mas esses direcionamentos foram ampliados a partir de então e o debate em torno de uma estratégia de combate ao terrorismo permanece na agenda (WILKINSON, 2010).

O ataque ao *World Trade Center* caracterizou-se como uma violência política transnacional, praticado por grupos não estatais e vitimou milhares de pessoas. Contudo, Rogers (2008, p. 172) salienta que o terrorismo não é a única forma de violência extrema que assola o mundo. O autor lembra que a violência que pairou sobre o Iraque no final de 2006, em Ruanda na década de 1990, o genocídio no conflito dos Grandes Lagos, na África, assim como as crises humanitárias decorrentes de desnutrição, doenças e condições sub-humanas nos anos 1970, é uma preocupação constante. Importante ressaltar que essas questões são tratadas também como desafios no contexto da segurança internacional contemporânea (ROGERS, 2008).

Para Wilkinson (2010, p. 134), o crescente aparecimento de conflitos no início deste século, agravado a partir de setembro de 2001 com os ataques nos EUA, mudou a concepção das guerras até então existentes, ampliando-se além das fronteiras, e a ordem vigente até aquele momento foi rompida. Essa situação colocou o Estado sob alerta e suas preocupações voltaram-se ao campo da segurança. Para os Estados Unidos, o importante era retomar o controle, mesmo sob a crítica de suas relações com Israel e dos muitos recursos energéticos que o governo americano detém no Oriente Médio. De acordo com Rogers (2008, p. 173), esses fatores não se modificaram no campo político, mas causaram mudanças profundas no que tange à segurança internacional, ampliando a perspectiva relacionada ao terrorismo.

O terrorismo, desde então, tornou-se um inimigo, os governos ocidentais buscaram apoio entre si e formas de responder aos ataques por meio de ações militares. Argumentos em defesa da nação ou a garantia da segurança de seus nacionais tornaram-se os principais discursos nessa época. Nos anos que se seguiram após o ataque, grandes operações militares foram iniciadas contra os países aos quais esses grupos alegavam pertencer. Rogers (2008, p. 178) afirma

que “desde o pós-11/9 a resposta tornou-se uma característica dominante da segurança internacional, em geral, e ao terrorismo em particular, e é provável que permaneça assim por alguns anos”. Os ataques de 2001 comprovaram a capacidade norte-americana de atacar ou, nesse caso, contra-atacar o seu oponente em caso de ameaça, tanto que o sucesso ilusório da empreitada no Afeganistão suscitou uma “guerra contra o terror através de uma ação militar preventiva contra o denominado pelo governo Bush como *eixo do mal*”. Apesar das estratégias militares utilizadas pelos EUA, não houve contenção da violência disseminada pelas tropas estadunidenses no Oriente Médio (ROGERS, 2008, p. 179).

Wilkinson (2010, p. 135) afirma que a “guerra contra o terror”, iniciada pelos Estados Unidos e seus aliados depois de setembro de 2001, imprimiu erros estratégicos como a invasão ao Iraque, em 2003. O autor salienta que não houve relação direta ou envolvimento do líder iraquiano com o atentado. Mesmo assim, os EUA empregaram, em grande escala, recursos financeiros e militares para a ocupação do Iraque. Wilkinson afirma que uma das principais lições decorrentes do atentado ao *WTC*, referente à história do terrorismo, é que o uso de força militar agrava a tensão em torno da ameaça, pois somente a estratégia militar não é suficiente para eliminar completamente o perigo e, principalmente, o medo causado pelo terrorismo (WILKINSON, 2010, p. 135).

Considerações Finais

O presente boletim discutiu a segurança internacional no contexto do conflito árabe-israelense, que ultrapassou o Século XX, e o multifacetado Oriente Médio. A primeira parte do texto apresentou um breve debate sobre a segurança internacional referente ao conflito entre árabes- palestinos e judeus. O conflito segue sem solução e, provavelmente, o debate sobre as estratégias em torno de uma solução permanecerá como um desafio na agenda de segurança contemporânea nos próximos anos.

A proposta era verificar se houve mudança na agenda de segurança para essa região após o atentado de 11 de setembro de 2001. Nesse sentido, verificou-se que a ameaça deflagrada por tal ação terrorista tornou-se uma questão primordial para a segurança internacional, pois se estendeu para além das fronteiras de regiões conflituosas como o Oriente Médio, por exemplo.

A hipótese de que a agenda de segurança internacional sofreu alterações após os atentados de 2001 nos EUA foi confirmada, pois a questão tornou-se um problema político e militar, alterando a ordem mundial vigente. Outras questões também relevantes que compõem o escopo da segurança internacional contemporânea foram suprimidas pela urgência imposta a partir do atentado ao *WTC*. A insegurança, a coação e o medo disseminado após o atentado exigiu um posicionamento mais incisivo por parte dos Estados. Nesse contexto, buscou-se uma resposta imediata à ameaça eminente causada pelo terrorismo.

Entretanto, as respostas foram bruscas e aumentaram a tensão e a violência, pois as ocupações militares deflagradas como resposta aos atentados não contribuíram para cessar a violência, ao contrário, alimentaram a separação entre o Ocidente e o Oriente, entre o "*eixo do b*" e o "*eixo do mal*". E a hostilidade disseminada de cada um dos lados, tanto no caso do conflito árabe-israelense, quanto no que se refere ao ataque do 11 de setembro de 2001, acirrou a disputa e reforçou o desafio permanente da segurança internacional na região do Oriente Médio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANNAN**, Kofi; **MOUSAVIZADEH**, Nader. *Kofi Annan – Intervenções: uma vida de guerra e paz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- AUDI**, Maria Tereza De Oliveira. Caminho para a paz: conflito palestino israelense. *Revista Juris da Faculdade de Direito, Fundação Armando Alvares Penteado*. Volume 3 – Jan. a Jun./2010. São Paulo: FAAP, 2010.
- BECK**, Martin. The Middle East as a crisis region. In: CAVELTY, Myriam Dunn; MAUER, Victor. *The Routledge Handbook of Security Studies*. Londres, Nova York: Routledge. 2010.
- CALVOCORESSI**, Peter. *Política mundial a partir de 1945*. Porto Alegre: Penso. 9ª Ed., 2011.
- HELLER**, Mark A. The Israeli-Palestinian conflict. In: CAVELTY, Myriam Dunn; MAUER, Victor. *The Routledge Handbook of Security Studies*. Londres, Nova York: Routledge. 2010.
- HEYWOOD**, Andrew. *Ideologias Políticas: Do Feminismo ao Multiculturalismo*. Vol. 2. São Paulo: Ática, 2010.
- HOBBSAWN**, Eric. *Globalização, Democracia e Terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- NYE**, Joseph Jr. *Compreender os Conflitos Internacionais: Uma Introdução à Teoria e à História*. 3ª ed. Lisboa: Gradiva, 2002.
- ROGERS**, Paul. Terrorism. In: WILLIAMS, Paul D. *Security Studies: An Introduction*. Londres: Routledge. 2008.
- SEITENFUS**, Ricardo A. *Relações Internacionais*. São Paulo: Manole, 2004.
- WILKINSON**. Paul. Terrorism. In: CAVELTY, Myriam Dunn; MAUER, Victor. *The Routledge Handbook of Security Studies*. Londres, Nova York: Routledge. 2010.